

Do eu pensante ao eu sendo

Adalberto A. Goulart¹, Aracaju

RESUMO: O autor inicia questionando o porquê de nos interessarmos pelo presente interpretado, uma vez que parece óbvio que jamais poderemos estar em outro tempo ou lugar. Defende que o problema é que o conhecimento só poderá ser conquistado através da experiência e sobretudo da experiência emocional e jamais da razão, em um estado de atenção plena, em um tempo absoluto, em comunhão com a experiência (*at-one-ment*). Não conhecer, mas tornar-se conhecimento. O trabalho é ilustrado com algumas vinhetas clínicas.

PALAVRAS-CHAVES: experiência emocional, metarrealismo, capacidade negativa, *unheimlich*, inconsciente.

A palavra “presente”, etimologicamente, vem do latim *praesens*, formada por *prae* (à frente) e *esse* (ser, estar) e tem o sentido do que está à vista, que assiste. Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, significa o que está, em um dado momento, no mesmo local ou recinto em que acontece um evento (pessoa ou coisa); que assiste pessoalmente; que existe ou sucede no tempo ou período em que se fala; atual, contemporâneo; evidente, manifesto; iminente; que exprime atualidade.

Já a palavra “interpretar”, também do latim *interpretari*, é uma tradução do verbo grego *hermeneúein*, que significa: transmitir, trazer mensagens, com referência a Hermes, o intérprete dos deuses. Tanto *hermeneúein* como Hermes provêm do radical *Wer ou Wre*, que significa o falar e o dizer da língua, enquanto interpretação do mistério. Tem o sentido de explicar, traduzir, compreender, avaliar, decidir, ver. No mesmo

1. Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE), membro da *International Psychoanalytical Association (IPA)*, Presidente do Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA), membro fundador do *Istituto Psicoanalitico di Formazione e Ricerca A.B. Ferrari (IPFR)-Brasil*.

dicionário, significa determinar o significado, adivinhar por indução, dar sentido, julgar, traduzir, representar.

E porque nos interessarmos pelo “presente interpretado”, já que parece óbvio que não haveria nada além que pudéssemos alcançar, uma vez que não podemos estar em outro tempo que não seja agora e não podemos estar em outro lugar que não seja aqui?

VINHETA 1

P) Minha filha tomou a vacina, eu não sabia, mas está tudo indo bem. Eu fico preocupada com a próxima, daqui a 3 meses...

A) Preocupada com o que irá acontecer daqui a 3 meses? Mas você já sabe o que acontecerá daqui a 3 meses, como se fosse um oráculo sagrado?

P) Me sinto sem energia, sem disposição, preocupada em não conseguir fazer o que pretendo daqui a um ano...

A) Você não só sabe o que acontecerá daqui a 3 meses, como também sabe o que acontecerá daqui a um ano?

P) Receberei uma visita, gosto deles, mas será mais um gasto de energia.

A) Parece que difícil mesmo é suportar a sua condição humana de não saber absolutamente nada sobre o que ainda não aconteceu.

P) Mas a vida é só suportar?

A) A vida não é apenas suportar, mas suportar o que somos, quando somos e onde estamos, parece ser uma condição para que a vida aconteça.

Platão (428-348 a. C.) nos deixou “*A alegoria da caverna*”, parte da sua obra “*A república*” (380 a. C.), que narra um diálogo entre Sócrates e Glauco, quando imaginam uma caverna em que os prisioneiros estivessem amarrados de frente para uma parede, de maneira a que tudo o que percebessem fossem sombras projetadas contra essa parede e ecos de sons. Refere-se, portanto, à limitação proporcionada pela ideia, que é diferente daquilo que verdadeiramente é. Em busca daquilo que é, seria necessário

ultrapassar a limitação dos conceitos, das ideias, das imagens, das representações, das nossas interpretações.

A psicanálise se ocupa com a busca da verdade e tomar o resultado da avaliação como verdade seria tomar as sombras pela coisa em si. Sendo assim, a ignorância de base é a que existe com relação ao Eu. A representação que construo a respeito de mim mesmo, que é sempre incompleta, é uma interpretação e procura completar-se por meio de conhecimentos, sensações, posses, prestígio.

Quem sou Eu neste momento? Já que a interpretação que crio a meu respeito não sou Eu, mas apenas uma interpretação. Quem faz a pergunta? A resposta não pode ser racional ou intelectual, pois seria uma outra interpretação, o verdadeiro conhecimento implicaria a não interferência dos conceitos, das teorias. Eu sou o conhecedor, o conhecimento e o objeto do conhecimento, uma vez que só há separação no mundo das interpretações, daquilo que não é. Assim, nada há para ser adquirido, mas apenas ignorância a ser removida. Conhecer a verdade acerca de si mesmo é ser essa verdade.

VINHETA 2

P) Estava trabalhando presencial, quando volto para casa me sinto perdida... Minha mãe, que está com catarata, resolveu fazer uma viagem dirigindo à noite. O incrível é que ela não se preocupa, sente prazer com isso. E eu fico preocupada, estou sempre me preocupando com o outro e com o que poderá acontecer, não alcanço o prazer.

A) É como se você evitasse olhar para dentro de si, insistindo em olhar para fora. Talvez porque quando olha para dentro de si, se sinta um tanto perdida.

P) Tenho medo de me encontrar comigo mesma, vivo essa dualidade, mas sinto que a análise tem me ajudado muito nisso, já foi bem pior.

A) Entendo que só podemos ver com os nossos próprios olhos e nesse sentido, tudo o que vemos só pode estar relacionado ao que somos. Se

tivermos medo de enxergar aquilo que somos, nos sentiremos perdidos, numa tentativa ilusória de nos buscarmos fora de nós, o que causaria um desequilíbrio em relação ao que realmente somos.

P) Me lembrei de um drink que tomei um dia desses, a taça tinha o formato de duas mulheres, as duas juntas na mesma taça. Fiquei pensando que estaria mais próxima de mim mesma.

Impossível falar sobre o tempo ou, pelo menos como a nossa cultura apreende o tempo, sem nos referirmos a Santo Agostinho de Hipona, um dos grandes pensadores sobre essa questão, que viveu entre os séculos IV e V d.C., com destaque aqui para o rigor filosófico contido no *Livro XI das Confissões* de Agostinho.

Ele nos fala que não há como defender que passado e futuro existam de fato, sendo que o passado já não existe mais e o futuro ainda não existe.

E quanto à medição do tempo? Questiona, como seria possível, se no momento em que o fazemos, ele não existe mais ou ainda não existe?

Já o presente, de fato existe, mas se resumiria a um instante sem duração, uma vez que duração já se refere ao passado. Dessa maneira, o presente nada mais seria do que um contínuo deixar de ser.

Santo Agostinho nos fala de uma compreensão psicológica do tempo, baseada na *lembrança*, na *atenção* e na *projeção*, tendo, portanto, um caráter de consciência, memória no presente, expectativa no presente e presente no instante presente. Ele considera que procurar a realidade objetiva do tempo contribui para aclarar sua subjetividade, com o voltar da consciência sobre si mesmo. O problema psicológico do tempo condiciona sua solução à questão metafísica.

Blaise Pascal, filósofo e matemático francês do século XVII, escreve em seu livro *Pensamentos*:

“Nunca nos detemos no momento presente. Antecipamos o futuro que nos tarda, como para lhe apressar o curso; ou evocamos o passado que nos foge, como para o deter: tão imprudentes, que andamos errando nos tempos que não são nossos, e não pensamos no único que nos pertence; e

tão vãos, que pensamos naqueles que não são nada, e deixamos escapar sem reflexão o único que subsiste. É que o presente, em geral, fere-nos”.

Já em 1781, Immanuel Kant publica a sua “*Crítica da Razão Pura*”, colocando o tempo como uma das categorias do entendimento pelas quais acessamos os fenômenos através da sensibilidade, do entendimento e da razão, estruturando e transformando o conteúdo que recebemos. Propõe que as determinações universais e necessárias dos objetos não estão nos próprios objetos, mas, ao contrário, seriam impostas pelo sujeito que os conhece.

Espaço e tempo, os quais, embora se mostrem juntamente com os objetos, não estão nos objetos, e sim na mente do sujeito que os percebe. Quer dizer, espaço e tempo são determinações que estão presentes no objeto, mas provêm do sujeito e não do mundo em si.

O fato de que é a mente que impõe aos objetos uma moldura espaço/temporal explica por que todos os fenômenos que percebemos estarão sempre e necessariamente dispostos no espaço e no tempo, como as coisas aparecem para o sujeito e não como são, e isso inclui a nós mesmos.

Em 1915, no artigo “*O Inconsciente*”, diz Freud: “*Os processos do sistema inconsciente são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se ao trabalho do sistema consciente*”. Além da ausência de contradição e do caráter de realidade psíquica.

Em 1932, nas “*Novas Conferências sobre Psicanálise*”, reafirma: “*No Id, não existe nada que corresponda à ideia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo, e - coisa muito notável e merecedora de estudo no pensamento filosófico - nenhuma alteração em seus processos mentais é produzida pela passagem do tempo. Impulsos plenos de desejos, que jamais passaram além do Id, e também impressões, que foram mergulhadas no Id pelas repressões, são virtualmente imortais; depois de se passarem décadas, comportam-se como se tivessem ocorrido há pouco*”. Eu complementaria que, de fato, estão ocorrendo neste exato momento.

Assim, a psicanálise observa que os indícios das formações inconscientes, ou sejam, os atos falhos, os sonhos, os devaneios, as formações de sintomas (anteparos de ilusão, no dizer de Bion), nos mostram, a cada ocorrência, a presença atemporal do desejo indestrutível do qual nos fala Freud, seja do ponto de vista de sua inscrição inconsciente, seja do ponto de vista do suprimido, do recalque ou repressão.

Poderíamos conjecturar que uma experiência de análise deveria contribuir para que o sujeito possa ter um outro tipo de vivência em relação ao tempo que passa, mas, sobretudo, em relação aos aspectos atemporais que constituem o substrato do seu funcionamento mental, entendendo como substrato a natureza íntima, a essência que serve de base a um fenômeno.

Já no “*Projeto para uma psicologia científica*” (1895), Freud propõe a ideia de que o Sistema Psi estaria exposto a quantidades de excitação provenientes do interior do corpo (os estímulos endógenos) e nisto se encontraria a mola pulsional (*Triebfeder*) do mecanismo psíquico. O desejo indestrutível, seria o derivado das pulsões. Soma-se a isso, a sensibilização pelo corpo dos estímulos externos, que serão percebidos conforme a sua natureza, única e específica para cada ser.

Em outras palavras, nossa percepção recebe a informação e impõe à informação percebida um formato espaço/temporal. Não mais a coisa em si, mas uma interpretação do fenômeno observado. Em seguida podemos organizar e conectar os fenômenos em conceitos e categorias, o que poderá nos levar a admitir a existência de algo absoluto, criado pela nossa percepção e cognição, e não relativo. O problema é que o conhecimento só poderá ser conquistado através da experiência e sobretudo da experiência emocional e jamais da razão, em um estado de atenção plena, em um tempo absoluto, em comunhão com a experiência (*at-one-ment*). Ou como nos dizia Bion, a coisa em si é a própria experiência emocional, não conhecer, mas tornar-se conhecimento. O realismo da cognição dá lugar ao metarrealismo, quando ser e pensar caminham juntos em busca do desconhecido, do que ainda não é. Olhar para dentro, para a mente em si, ao invés de olhar para as projeções que fazemos na realidade.

Aqui se faz útil relembrar o conceito de Capacidade Negativa (Keats), como sendo a capacidade de permanecer na incerteza, no mistério e na dúvida, sem a busca desesperada por fato ou razão. A personalidade capaz de tolerar uma não-coisa pode usar a não-coisa e assim será capaz de usar aquilo que chamamos pensamento. O pensamento só pode se desenvolver na experiência do vazio, do não saber, com frustração e não com saturação.

Com a psicanálise, o Eu pensante cartesiano torna-se o Eu sendo. O objeto psicanalítico está para além da realidade sensível, na passagem do cogito para a incógnita, no encontro com o vazio pleno de potencialidades. Dessa forma, o que chamamos por real seria uma construção subjetiva inconsciente e a consciência seria um epifenômeno.

E a transferência nada mais é do que o tempo do inconsciente atemporal. Não a atuação de algo que ocorreu e não pode ser lembrado, mas de algo que ocorre sempre no instante presente, o manifesto com seu substrato imanifesto.

Temos então que o Inconsciente dinâmico é produzido ininterruptamente, durante todo o tempo, a partir das demandas corporais pulsionais e da percepção corporal dos estímulos externos, criando marcas, representações mentais em seu caminho para a descarga, a satisfação, acionando o aparelho anímico na sua função de contenção e registro.

Dessa maneira podemos fazer uso de um sistema perceptivo sensível, em que o próprio corpo nos informa sobre os estímulos internos e externos, e da memória que nos ajuda a organizar e dar significado ao que passou, mas sempre relacionada ao presente orgânico ou ao inconsciente atemporal.

VINHETA 3

P) Encontrei algo novo num texto que já tinha lido, como se não tivesse lido antes...

A) Talvez estivesse ausente.

P) Isso de presença presente me gera ansiedade, aí recorro a

racionalizações...

A) Um dia estaremos ausentes, mas me parece ainda cedo para isso.

P) Meu sobrinho fez um desenho bem colorido, ligando o Sol e a Lua, um desenho feliz...

A) Talvez você esteja fazendo esse desenho de se sentir mais feliz agora. Pode se sentir feliz ou infeliz, mas para poder se sentir é preciso que esteja agora. Fora do presente, não estamos e não somos.

P) Achava feio olhar para mim, me responsabilizar por mim.

A) Como se fosse feio fazer um desenho feliz?

P) Eu precisava de alguém para poder estar triste comigo... Lembrei que um dia eu fiquei satisfeita porque achei que você estava triste. Achava que você se sentia feliz o tempo todo, era angustiante para mim...

A) Está descobrindo que, como você, eu também não vivo num paraíso, mas sobretudo que a emoção, enquanto resposta à vida, só pode existir se pudermos ser e que não há outro lugar possível para sermos, senão no lugar onde estamos.

E se a atemporalidade apresenta-se como um grande problema, ela mesma, pela mesma razão, nos oferece a possibilidade de ir em auxílio aos nossos pacientes, oferecendo a oportunidade de uma nova e desconhecida experiência emocional.

A metapsicologia psicanalítica se propõe um olhar para além do que nos é familiar, em direção ao sentido último, que, no entanto, se nos mostra inapreensível, inalcançável, incognoscível, na essência das entranhas do nosso corpo ou nos confins do universo. Questões que nos orientam para um encontro inalcançável, uma vez que à medida que nos aproximamos, se coloca mais para adiante tal qual o horizonte. No entanto, o que nos interessa realmente, é a orientação e o sentido capaz de liberar fronteiras, muito mais do que o encontro inapreensível porque este está em constante produção, consonante com a vida.

Falamos de algo que surge do oculto das entranhas, daquilo que ainda não é propriamente psíquico, como acrescentou Freud em 1923 (O Ego

e o Id), o que ainda não tem palavra que o represente, que traz o frescor fugidio do momento presente e que, uma vez representado e interpretado, já é passado e então abre-se uma nova procura orientada ao infinito. O caminho a ser construído, o sentido a ser significado, a busca do que ainda não é, nos orienta ao encontro com o trauma, o estranho estrangeiro que assombra e que não pode ser aculturado ou domesticado sem deixar de ser o que é.

Perplexidade, assombro, susto, iluminam a presença do traumático que, uma vez iluminado, pode ganhar contornos de significado num momento de descanso e paz pela percepção de si mesmo. Uma sessão psicanalítica nos traz impressões sobre uma experiência que não podemos encontrar em nenhum outro lugar ou tempo. É necessário vivenciá-la, no contato consigo mesmo e na presença do outro, lembrando que apenas o próprio indivíduo pode saber o que é sentir-se como ele se sente. Apenas ele sabe o que é ter sentimentos, emoções e ideias como ele tem, sendo um ser único e específico, a partir do que o seu próprio corpo pode perceber em relação a estímulos internos e externos, e informar para que seja acolhido, interpretado e significado. A partir dessas experiências únicas, Bion afirmava que são os pacientes os nossos maiores mestres, a quem devemos respeito e humildade e apenas eles poderão vir em nosso auxílio para tantas importantes e difíceis questões. Sem dúvida, não se pode discordar.

No entanto, com Ferrari, aprendemos que estaremos inevitavelmente diante de um outro mestre, essencial e fundamental para que possamos tentar acessar o que outra pessoa busca nos transmitir: o nosso próprio corpo, manifestando-se através de um sistema excitável que pode ser sensibilizado e nos trazer intuições, informações e evidências daquilo que estamos vivenciando.

E será a partir da percepção desses estímulos, que poderemos expressar algo sobre quem somos diante de alguma coisa, de alguma situação, da experiência vivida no encontro com algum paciente. Quer dizer, quando nos expressamos, não é sobre o outro a nossa manifestação, mas sobre a informação que o nosso corpo transmite, sensibilizado através da percepção de

estímulos internos e externos que deverá ser acolhida pelas nossas mentes. E então será uma interpretação e logo uma memória.

VINHETA 4

P) É muito difícil estar aqui e agora, não consigo, só me sinto angustiada. Fico pensando no que vou dizer na sessão, antes da sessão acontecer... Há algum tempo fiz um curso de interpretação e o que mais me chamou a atenção é que dizia que é preciso estar com a mente vazia para ter graça, vazia de memórias e vazia de preocupações...

Nessa multiplicidade de elementos, em busca do objeto psicanalítico, cabe ao analista uma observação conjunta do paciente, de si mesmo e do vínculo estabelecido, ampliando e aprofundando as manifestações percebidas do inconsciente para uma espécie de gerador de possibilidades, uma memória do futuro, o que constitui a complexidade baseada no princípio da incerteza, oferecendo condições e oportunidades para que o paciente seja, de fato, o ser único e específico que ele é, reiterando e reafirmando a desilusão da fusão.

São situações em que o horror diante do inconfidente que poderia se insinuar faz com que a memória ocupe o lugar daquilo que deveria ser percepção. Da escuridão de onde nascemos todos os dias, a gestação do novo poderá ser interrompida, abortada, restando o assombro diante daquilo que ainda não pode ser.

Se a descarga pura e simples, como uma redução da quantidade e intensidade dos estímulos, em busca do prazer imediato, puder ser adiada e se a frustração puder ser tolerada, o espaço para o pensar começa a ser criado, com respeito e consideração pela realidade interna e externa, e a perplexidade poderá dar início ao conhecimento. E nesse sentido, o conhecimento seria a transformação do estranho assustador, a aculturação do estrangeiro e sua domesticação ou ainda, a perda da sua identidade, a sua destruição enquanto “*Unheimlich*”. Quer dizer, se pudermos suportar não conhecer,

poderemos acolher o estrangeiro tal como é e, quem sabe, favorecer que ele se desenvolva por seus próprios e desconhecidos caminhos.

Ou seja, no único e possível tempo presente, estando a mente onde o corpo está, amparados por uma postura ética, de respeito e humildade diante do perdido, do não lembrado, do desconhecido, do estranho duplo, do inconsciente, do excluído ou ainda daquilo que jamais tenha sido consciente ou tampouco inconsciente, para ambos os componentes da dupla analítica. Receber o estrangeiro tal como o desconhecido que é, é se submeter ao traumático que transforma e movimenta, que fomenta o pulsar da vida.

Aquilo a partir do qual eu poderei ser sensibilizado, estímulos internos e externos que traumatizam o meu sensorio, irá pouco a pouco se organizar em potenciais qualidades psíquicas, mas ainda não representadas. Para tanto o movimento pulsional buscará seu objeto, o não-eu, para que sentidos possam ser construídos, significados sejam alcançados como descanso ao desejo, ainda que fugaz, trazendo luz ao pensamento.

Em resposta ao movimento marasmático e surdo que vem das entranhas, algum sentido poderá nascer no contato com um hospedeiro acolhedor e do encontro, transformador para ambos, poderá nascer o sentido também para ambos. É o espaço primário reservado ao novo, ao estrangeiro, ao traumático, àquele que ainda não se inscreveu na memória. A partir da experiência, do sentido que reverbera em memória se cria o consciente e também o inconsciente enquanto qualidades psíquicas.

Assim não podemos viver sem o sentido emprestado pela interpretação, pela história, pela memória, pela cultura, local de descanso, alguma ordem e sossego. Por outro lado, e enquanto houver vida, os estímulos que nos excitam pelo choque traumático com o sensorio continuarão a ser produzidos e o desejo persistirá na sua incessante busca por um outro que o ajude a dar forma ao informe, ao sinistro estrangeiro assustador.

Com a insuficiência ou fracasso do sofrimento por reminiscências, o traumático se apresenta como experiência cotidiana fundamental para a mente em construção e evolução. Novo, estranho e assustador, sem forma,

subjugado às demandas do corpo sensível, local de apreensão de estímulos que se fazem desejos em busca de significado e memória, em busca do pensar, espaço da não realização, da frustração do desejo sempre insatisfeito ou da realização negativa, do não encontro, da falta, e assim sucessiva e ininterruptamente.

O presente, único local habitável para o desejo que busca satisfação ou descarga, que busca sentido no outro que o acolhe e hospeda, é o excesso traumático sem forma a procura da experiência a ser vivida. E então será interpretação, forma, sentido, memória, pensamento.

Em lugar do sofrimento por reminiscências, o traumático. Em lugar da memória, o desejo ainda informe. Em lugar da história, a criação. Ou, deixemos para descansar quando alcançarmos o infinito absoluto, quando a forma não será mais necessária. O resto é viver e viver, que, para o nosso infortúnio ou alegria, será sempre nos permitir à disposição para o informe, o estrangeiro. Não o inolvidável ou o esquecido, mas o que ainda não é.

Este será sempre o espaço-tempo onde a existência buscará seu sentido.

O inconsciente infinito é holístico, reúne o sujeito à experiência, sem a mediação do Ego consciente, seguindo o caminho da intuição, propõe ser em lugar de conhecer, verdade afetiva em lugar de verdade intelectual. Diferente da consciência que é dualista, que segue a lógica da razão, tendo o Eu como separado da experiência e que, sem conseguir lidar com o infinito, fragmenta a realidade transformando-a em coisas finitas.

Enfim, a psicanálise busca revelar a verdade interior e não anterior.

FROM I THINKING TO I BEING

ABSTRACT: The author starts by questioning why we are interested in a title like this, since it seems obvious that we can never be in another time or place. He argues that the problem is that knowledge can only be gained through experience and above all through emotional experience and never through reason, in a state of mindfulness, in absolute time, in communion with experience (at-one-ment). Not knowing, but becoming knowledge. The work is illustrated with some clinical vignettes.

KEYWORDS: emotional experience, metarealism, negative capacity, Unheimlich, Unconscious.

DEL YO PENSANTE AL YO SIENDO

RESUMEN: El autor comienza cuestionando por qué nos interesa un título como este, ya que parece obvio que nunca podremos estar en otro tiempo o lugar. Sostiene que el problema es que el conocimiento solo se puede adquirir a través de la experiencia y sobre todo a través de la experiencia emocional y nunca a través de la razón, en un estado de atención plena, en el tiempo absoluto, en comunión con la experiencia (at-one-ment). No conocer, pero convertirse en conocimiento. El trabajo está ilustrado con algunas viñetas clínicas.

PALABRAS CLAVE: experiencia emocional, metarealismo, capacidad negativa, *unheimlich*, inconsciente.

REFERÊNCIAS

- Agostinho, S. *Confissões*, livro XI. Editora Vozes: Petrópolis, 2011.
- Bion, W. (1962). *O aprender com a experiência*. Imago: Rio de Janeiro, 1991.
- Ferrari, A. *O eclipse do corpo*. Imago: Rio de Janeiro, 1995.
- Ferrari, A. *Vida e tempo*. Casa do Psicólogo: São Paulo, 2004.
- Freud, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915). O inconsciente. In: *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1919). O estranho. In: *E.S.B.* vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923). O ego e o id. In: *E.S.B.* vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1932). Novas conferências sobre psicanálise. In: *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago.
- Goulart, A. (2010). Sexualidade, Sonho e Inconsciente. In: *Psicanálise em Revista*, vol. 8, no. 2. Recife.
- Goulart, A. (2018). Função e processo na relação analítica: uma experiência compartilhada de solidão. In: *Berggasse 19*, vol. VIII, no. 2, Ribeirão Preto.
- Goulart, A. (2018). O tempo, uma ilusão? In: *Revista brasileira de psicanálise*, vol. 52, n. 1, São Paulo.
- Goulart, A. (2019). Inconfidências do estranho na relação analítica. In: *Revista Multiverso*, vol. 2, Aracaju.
- Houaiss (2013). *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Acessado em www.houaiss.com.br
- Kant, I. (1781). *Crítica da razão pura*. Martin Claret: São Paulo, 2006.
- Pascal, B. (1670). *Pensées*. Versão para eBook eBooksBrasil.org Fonte Digital www.ngarcia.org, 2002.